



Gaia



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 22 de Dezembro de 1984 * Ano XXI — N.º 1064 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Um presépio vivo no sopé da rocha e encosta de sol. A casinha está caiada. Salta desta família de Autoconstrutores o ar confiante e uma certa alegria de estar!

Presépios vivos

● Partimos deste presépio vivo no sopé da rocha e encosta de sol. A casinha está caiada. Salta desta família de Autoconstrutores o ar confiante e uma certa alegria de estar! Ai se todas as famílias tives-

sem a dita duma casa ao sol! Seria um verdadeiro Natal! E o presépio de cada um seria válido e projectar-se-ia no infinito!

Infelizmente, as sociedades de hoje continuam a fazer mais

ricos e mais pobres! Situação de pecado contra Deus e contra a Justiça.

Penso nas 45.000 famílias portuguesas que vivem em barracas...! E, em todo o Mundo, nos 800 milhões de famintos...! Também nos bairros do Barredo, Ribeira e Miragaia (Porto)... São bem bonitos vistos de Gaia! Parecem grandes presépios em degraus. Porém, à medida que nos aproximamos, penetramos nas ruas estreitas e subimos os degraus carunchosos, perdem toda a beleza. Não há palhas nem pastores nem bafo de animais; só paredes nuas e mordidas. Casas degradadas com famílias tristes...!

Como saltam à vista os nossos pecados de omissão!

Vamos completar a nossa meditação, outra vez, junto da casa da encosta no sopé do rochedo:

Milagre dum Autoconstrutor! Uma habitação digna, embora pobre, é um novo nascimento. Presépio lindo onde todos renascem para a esperança e alegria de estar no Mundo.

O Menino que nasceu no de Belém, veio mesmo para nos pôr no caminho dessa esperança e alegria — pelo Mandamento do Amor. Amar é tão maravilhoso e importante como viver. Partilhando o nosso amor valorizamo-nos e ajudamos os Outros a valorizarem-se. Sempre que ajudamos um Autoconstrutor a erguer as suas paredes — erguemos o Mundo; e concorremos para o renascimen-

to duma família dentro do Presépio que sonhou — a casa que com a nossa ajuda foi capaz de construir.

● O casal não é abastado. Até houve uma certa luta para acabarem de pagar a moradia que construíram. Os pais da esposa, já velhinhos, ficaram doentes. Eles prepararam um quarto e trouxeram-nos para casa. A esposa desempregou-se para tratar dos pais — a quem é já preciso fazer tudo como a criancinhas.

Foi preciso abdicar de tanta coisa! Venceu a nobreza, a dignidade e o amor filial. Optaram pelo verdadeiramente mais importante.

Moram na periferia duma cidade. Todos os dias esta filha adorada põe flores no «presépio» real e vivo que construiu. Só uma pequena diferença: Nasceram dois meninos (já velhinhos)... mas é o mesmo Menino Jesus.

● Também dois meninos neste leito que é presépio. Sumidos nas mantas, vejo só os rostos fofinhos e rosados.

Não há velas nem musgo nem ovelhinhas; paredes de calça, cheiro a bafio e roupa pelo chão.

Mãe dolorosa!
Avó angustiada... (um dos bebés é filho de sua filha louca!).

Presépio desenhado nos três vultos que por baixo das mantas figuram a Cruz do Senhor.

● Não queria dar tristeza ao teu Natal. Somente, mostrar ao de leve o rosto sofrido do Menino Jesus — para que reflitas e olhes com amor os que ao teu lado caminham no «deserto» em direcção à Pátria.

Com todas as alegrias próprias deste tempo — sempre esta esperança; e, em todo o momento, a consciência viva da presença dos irmãos. O Senhor está neles.

Ele vem!
Celebremos a Sua vinda!
Que o nosso coração se abra ao canto maravilhoso: «Amal-vos como Eu vos ame!».

É esta a Estrela!
Não Lhe ofusquemos o brilho!

Padre Telmo

Calvário

O pai é cego, e, por isso, pouco desp tem no governo da casa. A mãe também não possui grande capacidade para o fazer. É um lar sem condições normais para nele desabrochar e crescer sadiamente um novo ser.

Mas, a Ana ali desponta inocente e indefesa. Nasce com cataratas e surdez. Por isso mesmo, precisava ainda de mais atenções do que as crianças da sua idade. Contudo, até os cuidados primários de saúde lhe são negados pelos pais.

O tribunal intervém e a criança é-nos entregue. Vai nos catorze meses.

Pequenina e amorosa é colocada ao lado das que aqui já temos. É um enlevo a sua presença. Os adultos pasmam com o nosso «achado» e exclamam, extasiados:

— O Menino Jesus, este ano, veio mais cedo!

Ele tantas vezes vem ao nosso encontro sem nos apercebermos. Mas não O vemos chegar, porque andamos distraí-

dos e porque não O esperamos. Os simples, esses descobrem-nO logo que O vêem. Já foi assim naquele tempo e continua a ser hoje da mesma maneira.

A fé só cresce quando a alma continua no estado da infância. O coração humano é o órgão privilegiado para a fazer crescer. A inteligência, se o dispensa, corre o risco de anular a força imaneente da fé.

— O Menino Jesus, este ano, veio mais cedo!

Quem assim exclama já estava à espera d'Ele. «Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino.» E o Reino é Justiça, Paz, Alegria e Amor.

Esta criança vai receber aquilo que lhe foi negado no lar onde nasceu. A Justiça!

Esta criança vai dormir tranquila na cama que se lhe abriu. A Paz!

Ontem, quando dormia, sorria a sonhar. A Alegria!

Hoje, todos a desejam em seus braços para lhe darem o beijo que a mãe lhe negou. O Amor!

O Reino de Deus está aqui no seio dos Humildes.

O nosso Natal, este ano, foi antecipado!

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

Passei no centro da cidade. Havia ruas enfeitadas. Grupos de operários preparavam outras ruas. Estrelas, anjos, luzes, figuras humanas, presépios, coisas lindas. Atracções aos nossos sentidos para nos ajudarem a viver este tempo em melhor clima de festa.

A direcção dum Colégio telefonou para irmos com a nossa presença, a nossa voz e alguns cânticos ajudar a preparar os alunos para um Natal cristão.

A senhora já duas vezes me perguntou se este ano não compro nada para o Natal: — Ao menos um lenço e um par de meias para cada um! E outras coisas mais, para continuar a ser a Festa de que gostamos mais.

A minha reacção tem sido de relativa apatia. Sinto-me pouco entusiasmado. As estrelas parecem-me não brilhar. Os anjos estão tristes e em silêncio. As luzes não dão luz. As figuras humanas estão estáticas. Os presépios sem vida. As coisas não comunicam alegria.

Os meninos ricos poderão ter muitas prendas caras e muitos

mimos. Alguns outros meninos também poderão ter prendas. Muitos jovens e muita gente terão motivo de festa com diversões à grande e cheias de sentimentos pagãos.

Ouçó vozes de guerra e violência. Vozes de fome e opressão. Gritos de injustiça a dominar os Fracos. Desvios de aviões e reféns em agonia. Roubos escandalosos por gente em lugares de seriedade. Vozes soltas que são pregão de mentira. Muitos cozinhados no mesmo tacho.

Há muitos lares sem lume. Um número incontável de famílias sem casa. Uma multidão de filhos sem pais. Filas longas de doentes à espera. Ranchos de mendigos de porta em porta e de terra em terra à procura de emprego, de pão, de vida.

Que bom se a estrela do Menino-Deus-Salvador brilhasse em todas as casas, em todos os corações; se nos déssemos todos as mãos e nos sentíssemos irmãos uns dos outros! Assim, seria Natal para todos — o Natal que desejamos.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O vicentino traz notícias da Cáncerosa: — *Está a pôr contas em dia...*

As *contas* deste Mundo, da sua sobrevivência, dos seus.

E continua: — *Está a saldar contas com alegria, no meio daquela dor...*

Quer ir para o Céu de cabeça levantada — que as árvores morrem de pé!

Tinha e ainda tem buracos no orçamento doméstico. Mas das ofertas que chegam, regularmente, destinamos uma boa parte para ela amenizar as dores e resolver problemas pendentes.

— *Agora, o homem vai ser operado...* — acrescenta o vicentino.

Mais uma cruz. Mais dificuldades!

A Cáncerosa é mensagem de Natal. Curvemo-nos perante este presépio do nosso tempo — dos novos Pobres que há no País. *Cristos* sofrendo no anonimato, pelos quais Deus tem predileção: revelou-Se ao mesmo nível, em Belém, para ser Luz mais clara para os homens de boa vontade.

Cantemos louvores ao Menino Jesus — pois trouxe à Humanidade o verdadeiro Caminho do Amor.

PARTILHA — Sessenta dólares, de Vancouver (Canadá), «em acção de graças». Vinte rands, de Umbilo (África do Sul), «para o que achardes melhor e mais necessário, que breve mandarei mais umas migalhinhas para a ceia do Natal». Cheque de «uma lisboeta», assinante 27385 — que também é vicentina. «Uma portuense qualquer» com 2.000\$00, de Outubro e Novembro, «um pouco mais a lembrar as almas de meus Pais e dos restantes familiares que o Senhor tem chamado e em substituição de flores caras nos cemitérios». Estremoz, 3.000\$00, afirmando que «é pouco, mas infelizmente não posso enviar mais». Assinante 8451, de Vila Nova de Gaia, regularizar contas com O GALATO e «o restante é para a Conferência». Assinante 33856, do Entroncamento, 500\$: «É pouco, mas é dado com muito amor e de acordo com as minhas actuais posses». Fiães: «Mil para alegrar o Natal de um velhinho da Conferência». Assinante 32897, de Cardigos, outros mil. Um vale de correio da assinante 30129, do Barreiro, «migalhinha a juntar a outras para a consoda dos Pobres — para que tenham pão melhorado nesse dia. Há tantos que talvez nem isso tenham — os envergonhados que passam mal e não são capazes de pedir; outros, porque habitam em sítios onde talvez se não saiba que habita gente...»

Um anónimo, de Monção, com 2.000\$00 «para os mais necessitados». Metade da assinante 2667, de Foz Côa: «Mais uma ajuda que, sendo pequena, é de todo o coração». Rua dos Verdes, Moreira (Maia), um cheque de 12.900\$00, «valor da minha primeira pensão de reforma para o Natal dos Pobres — sufragando a alma de meus queridos Pais». Lisboa, Avenida Estados Unidos da América, 5.000\$00 «para as necessidades mais urgentes». Assinante 30430, de Rio Maior, jun-

to à sua, ofertas de amigas que somaram 7.500\$00 para qualquer necessidade dos Pobres e sublinha: «Elas são tantas...!» Aquela Amiga que nos visita, assiduamente, deixa em nossas mãos 1.000\$00 «por alma dos meus Pais» e 1.500\$00 «por alma de Germanos» — com uma história muito rica de generosidade.

Recebemos, ainda, com muito amor, dois lotes de roupa utilíssima «para os Pobres da nossa terra»; enquanto a Viúva expressa em silêncio, com Alegria cristã, o nobre gesto do filho — «por alma do Pai». Mais um conto da assinante 25276, de Barcelos. Mais dez rands de Umbilo (África do Sul). E mais um cheque de V. N. Cerveira «para acorrer às necessidades dos Pobres da Conferência».

Retribuímos, a todos, votos de santo Natal e Ano Novo e agradecemos a vossa generosidade — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Nos tempos da electrónica não é de admirar um Natal tão brilhante — e só fachada. Por detrás há outras máquinas electrónicas que trabalham ao som das enxurradas de dinheiro, que na época natalícia cantam mais.

As armas de brinquedos já passaram de moda, e ainda bem, porque induziam as crianças à violência e os adultos à impaciência. As já celebrizadas lutas de «policías e ladrões» deram lugar às «guerras das estrelas», e não é preciso dizer *ban-ban* carregando num gatilho inutilmente, basta uma tecla dum «ZX Spectrum» ou até de um «Sinclair», que nos deseja um «feliz Natal» — também electrónico — a trocê de dez, vinte e até centenas de milhares de escudos. De quem é a culpa? A vida está cara e o ordenado mínimo é só de quinze mil escudos e alguns trocados! — *Até onde chegaremos?!...* Faltam quinze anos para o ano 2000.

Sabeis o que cada um de nós mais deseja? Que os outros não sejam tão egoístas quanto nós o somos e se lembrem de nós — exceptuando-se os justos. E se isto é uma ofensa a alguém, que esse se julgue a si mesmo.

De almas boas temos nós dado conta. A época do Natal é de todas a que mais amigos traz a nossa Casa. Uns isto, outros aquilo, em tudo todos nos dão carinho e é bom sentirmo-nos assim acariciados por vós, Amigos. Sois o presépio vivo e representais os Reis Magos guiados pela estrela do Amor aos nossos pequeninos — cada qual um menino Jesus. Até o Carlinhos que mal consegue falar, exulta convosco. Nós vos desejamos a felicidade eterna destes momentos que passais connosco.

Mas cada um passa o Natal à sua maneira, que pouco difere de de muitos outros.

Nós também temos uma maneira muito nossa de passarmos o Natal. Por enquanto ainda estamos nos preparativos, depois de nos termos preparado interiormente; mas faltam os

doces, filhós, broinhas que são o prato forte das especialidades natalícias, na culinária tradicional da nossa Casa.

O presépio também terá lugar em sítio visível para a nossa Comunidade e convidará os visitantes a dar-lhe uma vista de olhos. «Que bom seria se o Natal fosse todos os dias!» Talvez um dia possamos dizer esta frase no presente.

Feliz Natal para todos!

AGRICULTURA — Aproveitando as férias do Natal pusemos em ordem as nossas culturas e colheitas. Nestas há a registar a apanha da azeitona iniciada já antes das férias e que teve agora continuidade. Temos bastantes azeitonas, contando com as que apanhámos a pedido da Câmara Municipal, em Oliveiras, por ela cedidas. A maior parte delas converter-se-ão em azeite, o qual não poderíamos dispensar nas nossas refeições, e outra parte será para curtir e depois servida à mesa.

Outros também terão aproveitado estas férias para igual tarefa ou outras diferentes e para eles o nosso desejo de que sejam ou tenham sido férias felizes — e um santo Natal!

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

NATAL — Terminou o primeiro período de aulas. São as primeiras notas a sair e esperamos que sejam boas.

Nas férias de Natal os nossos rapazes ocupam-se — nas horas vagas — a fazer os presépios. Cada casa o seu, que é sempre bom para os seus próprios rapazes.

Esperamos que seja mais um Natal feliz para toda a nossa Comunidade.

Desejamos também bom Natal e Feliz Ano Novo para todos os queridos leitores d'O GALATO.

PADARIA — A nossa padaria já fabrica o pão que nós merecemos! O Lúcio e o Laurentino são os nossos padeiros e fazem umas fornadas que são uma maravilha! Cozem com a maior precaução: a temperatura bem regulada, etc.

Já não há problemas! Temos gostado do pão e esperamos dar apoio ao Lúcio e Laurentino sempre que for preciso.

A nossa padaria é uma sala de visitas!

«BATATINHAS» — São os nossos «Batatinhas» que limpam as ruas e avenidas da nossa Aldeia, pois nesta época o que os atrapalha muito são as folhas que, dia-a-dia, caem das árvores.

Eles trabalham, a brincar, como gente crescida!

O que eles gostam mais é de ver os visitantes — quando acabam de comer — porem o lixo nos caixotes. Que seja sempre assim, para a nossa Casa se manter sempre limpa!

PODA — Estamos a podar as árvores e a vinha da nossa quinta. Assim, com as árvores podadas, as avenidas e ruas limpas, a nossa Al-

deia vai ficar mais linda, cheia de cor, quando chegar a Primavera — e os ramos abrirem em flores e frutos.

VISITAS — Continuam as visitas à nossa Aldeia, apesar do tempo frio.

Gostamos das pessoas que aqui vêm

durante o domingo. Quando chegam, dizem que a nossa Casa está bonita.

Nós fazemos sempre os possíveis, para que ela se mantenha sempre bonita e limpa.

Manuel Augusto («Chinês»)

Retalhos de vida

«Quicas»



Sou o Francisco António Vieira («Quicas»). Nasci em Vieira do Minho.

O meu pai morreu. A minha mãe é cozinheira. Tenho cinco irmãos.

Eu vim para a Casa do Galato, de Paço de Sousa, com dez anos, porque na minha terra andava a dormir pelos cantos. Vinha um, dava-me um cigarro. Vinha outro, dava-me vinho. Embebedavam-me. Batiam-me!

Agora, estou melhor aqui do que na minha terra, graças a Deus.

Francisco António Vieira («Quicas»)

CANTINHO DAS SENHORAS

Vem aí o Natal!...

Todos os anos revivemos o grande acontecimento: — **Deus feito Homem habitou entre os homens!**

Nunca entendi tão bem esta Verdade como naquele dia de Natal que entrei na nossa Capela e não havia presépio de figuras de barro...

Impressionou-me, pois, desde pequenina que sempre encontrei o presépio de figuras, na igreja, no dia de Natal.

Naquele Natal foi tudo diferente...

Mas, a afirmação que fiz tantas vezes às crianças na Catequese — **Jesus está ali no Sacrário e fez-Se pequenino para poder ficar ao pé de nós** — teve um sabor diferente naquele dia de Natal!

Aquelas palavras, naquele momento, encheram-me e eu fiquei a sentir mais vivo o Mistério da divindade adulta de Jesus no Sacrário, que foi o meu Presépio nesse Natal.

Entendi melhor aquela frase que trouxe dum Retiro: **«O silêncio de Jesus no Sacrário põe tudo debaixo para cima e de cima para baixo»**. Aqueloutra: **«Jesus na Cruz não produz nada de mãos e pés pregados, presos à Cruz, apenas fala ao Pai dos homens e dos homens ao Pai»**.

Eu senti os três Mistérios de aniquilamento e ocultação da divindade de Jesus (Presépio, Cruz, Sacrário) como uma interpelação para mim e para tanto apostolado do nosso tempo...

Tem que passar tudo por aqui. Jesus esconde-Se, esconde-Se sempre. Fica em silêncio...

Na Catequese de crianças e grupos de jovens preocupamo-nos muito com técnicas, métodos, pedagogia, psicologia, etc. Está certo. Mas será que estamos a saborear a riqueza dos Mistérios que anunciamos?

Natal! Que significado tem para nós esta palavra tão repetida em tantos contextos?

Os nossos meninos já falam do Natal a toda a hora — as prendas, os bolos, os carrinhos...

Que a festa de Natal não seja apenas a festa dos brinquedos, da «fantasia do Presépio».

Que o Jesus que apresentamos às crianças no Presépio pequenino, seja o Jesus Poderoso, o Companheiro e Amigo de toda a hora. O Jesus que trabalhou em Nazaré; deu a Vida por nós na Cruz; que ressuscitou e está vivo no Sacrário, no Céu e na Eucaristia.

Que o Jesus do Presépio não seja a imagenzinha de barro que beijamos, mas aqueles que vivem ao nosso lado e anseiam por carinho, ternura e compreensão.

Não esqueçamos Nossa Senhora, que no silêncio — «guardando tudo no Seu coração» —



Os livros de Pai Américo — são prenda de Natal

Quando «fechávamos» a última edição d'O GALATO, com aquele gosto e amor idênticos aos de um pai à espera do nascimento dum filho, chegou a nossas mãos mais um cântico natalício — na linha do pensamento de Pai Américo:

«Todos os anos, pelo Natal, costume oferecer uma prenda a alguém que amel como só se pode amar uma Mãe.

Este ano, quero que a minha prenda seja este livro — o Pão dos Pobres — que não é ouro nem platina. Ele é o refrigerio, o refúgio (incomparável) para as horas de angústia, de dor. Lê-se uma, dez, cem vezes e é sempre um reviver de desejo!

Que bom seria... se pudessem existir vinte Casas do Galato por este «moribundo» Portugal! Sem contas, sem desvios, sem corrupção. Só obras. Mais nada! Quanto melhor seria do que um

Ministério dos Assuntos Sociais! Não se pode avaliar...»

É o voto expresso — de que maneira! — pelo punho do assinante 24362, de Cortegaça.

São tantas, tantas almas em cachão — qual explosão de Sobrenatural — que poderíamos encher O GALATO com muitos cânticos natalícios motivados pelos livros de Pai Américo!

Escutemos mais uma trombeta — a assinante 21292, de Lisboa:

«Todos os livros de Pai Américo penetram na nossa alma, enchem-nos o coração, sensibilizam-nos até às lágrimas!

Os livros de Pai Américo inundam-nos de Luz divina, convidam-nos à prática do Bem, pois sabe insuflar nas almas a sublime Doutrina pregada por Cristo Jesus.

O Mundo precisa de muitas almas como a de Pai Américo! Deixaria de ser tão conturbado. Diminuiria a fome, a inveja, o egoísmo, a ganância, a ânsia do Poder, as guerras, todas as violências em que os homens se envolvem e que tanto fazem sofrer a pobre Humanidade!

Mandai-me sempre as novas edições, pois cada volume publicado é uma aurora que renasce.»

Já no fim da procissão um Poeta, de Viseu, faz sinal com um ramo de azevinho — para ler a sua mensagem antes dela recolher:

Caríssimo...

Irmão em Cristo,
Não estranhes, sempre persisto
Quando tenho que escrever
Prò GALATO, que eu venero,
P'ra exprimir tudo o que quero,
Só em verso o sei fazer.

É linguagem de Amor
Como de amor é a Obra
Que Deus pôs nas vossas mãos.
E nela dou mais valor

Ao sacrifício e à dor
Que tendes pelos Irmãos.
Como vês, poeta sou,
Mais uma vez aqui estou,
E desta vez, por sinal,

Para em cheque te enviar
Uma dívida a pagar
A vossa Editorial.

Não sei se esses magros cobres
Chegarão prò Pão dos Pobres
E para o Obra da Rua.
Mas se tal acontecer
Fazes favor de dizer,
Pois toda a sua leitura
Não tem preço nem medida.

É uma obra vivida
Com total doação,
Que o Pai Américo escreveu
E que, com ela viveu
Sua alma de eleição.

Se daquilo que eu mandei
Alguma coisa sobrar,
Distribui-a, porque sei
Que tens muito a quem a dar.

Tu, que vives tanto a dor
Da gente que te rodeia,
Dá-nos a chama que atela
O fogo do vosso amor.

P'ra que todos possam dar
Olhos postos no Senhor,
Tudo o que possa ajudar

A minorar essa dor,
Na saúde, na doença,
Na injustiça, na fome,
No ódio, na malquerença,
No egoísmo que consome
A Humanidade inteira,
Que se recusa aceitar
A Doutrina verdadeira
Que veio ao Mundo pregar
Jesus Cristo Salvador
E que nele veio espalhar
A Paz, o Bem, o Amor.
Assim os homens soubessem
E humildemente quisessem

Partilhando

A igreja estava cheia de crianças. Naquele domingo, àquela hora, a celebração da Missa era especialmente com elas e delas, numa Paróquia do grande Porto, aonde fomos falar da nossa Obra e estreitar mais os laços de união — através do nosso jornal O GALATO. E ouvir, também, a oração daqueles pequenitos pelos Outros:

— Pelas crianças que não têm família — disse uma.

— Pela Obra da Rua — disse outra.

— Pelas crianças que têm fome — ainda outra.

E muitas outras! Em cada uma, uma oração!

Pelos Outros, Deus vive em nós. E naquele templo, pequeninos templos vivos enchem-nos de cores, de calor, de alegria e oração. O que Deus quer é habitar no coração dos Homens..., com simplicidade, assim, ao jeito das crianças.

No final desta celebração uma delas aproxima-se e diz:

— Quero assinar o jornal.
Deu o nome e endereço completo, sem hesitar. Estendeu a mão aberta e deixou a sua oferta para a assinatura: cinco escudos! Natural, incondicional e feliz! Sem perguntas nem respostas. Nada. Tudo!

Aquela moeda é o Óbulo da Viúva! A maior oferta que as nossas mãos receberam... A lição magna daquele dia de Cristo Rei! Cinco escudos para adogar a boca com rebuçados ou chiclets, seria o destino natural... Mas não! O coração daquela criança venceu o destino e o instinto. Valorizou, assim, o que era materialmente pequenino até à grandeza infinita do dar, renunciando com amor. Ficou pago o seu e nosso jornal para sempre. Que os rebuçados e chiclets daquele dia ninguém lhes pagará mais. Apenas a sua felicidade em dar do que lhe faz falta é uma paga eterna e sem limites também.

Aqui deixamos o Óbulo desta criança — cinco escudos mais doces que todos os rebuçados do Mundo. Que tudo!

Padre Moura

Na verdade acreditar.
Teriam todos os dias,
Santamente, as alegrias
Dum Natal, a festejar.

Para melhor conhecimento dos novos leitores, dos novos amigos da Obra da Rua, repetimos a colecção de obras de Pai Américo que podem requisitar à Editorial da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel:

Pão dos Pobres (1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes), Obra da Rua, Isto é a Casa do Galato (1.º e 2.º volumes), O Barredo, O Ovo de

Colombo, Viagens e Doutrina (1.º, 2.º e 3.º volumes).

Para além do proveito espiritual de quem os lê — como é óbvio — muitos extravasam a sua Alegria interior oferecendo estes livros, como Mensagem de Natal, aos seus amigos e familiares. A Boa Nova que o Senhor Jesus ditou a Pai Américo nos antros dos Pobres mais pobres e cujas letras — disse algures — «se fossem picadas jorrariam sangue», tão vivas e sacrossantas elas são!

Júlio Mendes

Notas do tempo

● Venho de lá. É um casal, nem sequer muito idoso, que conheci num barracão de madeira e agora habita — bendito seja Deus! — uma casa digna de tal nome. O sítio é airoso. Pudessem eles gozar o belo panorama que mira o estuário do Sado em primeiro plano e tem por fundo a Arrábida linda e o mar imenso! Mas não! Ele, na cama, depois de mais uma operação de que ainda não recuperou nem a medicina augura de recuperação, vai definhando dia-a-dia. Ela, diabética, quase cega, com um abscesso para operar, aguarda a oportunidade de hospitalização, que só será possível quando ele estiver capaz de se bastar sem o auxílio dela. É este o rosário de ambos há muitos anos: esperar cada um por dez réis de saúde do outro para poder tratar da sua.

Agora, porém, é demais; e não se vê como sair do ponto morto.

— Arranje-nos, padre, que nos internem os dois até que tenhamos forças para nos ajudarmos um ao outro — é o apelo angustiado e vemente que me dirigem.

Vivem ambos da pequenina reforma dele, de velhice, acrescida de 1.480\$00 por ela estar a seu cargo. Andamos a tratar da pensão de invalidez para ela; mas, para tal, é preciso, antes de mais, renunciar àquele reduzido apêndice.

— E se não me dão a pensão?... E se demoram muito a dar-ma, como vamos nós viver entretanto?... Os 7.580\$00 com que agora contamos, já não chegam para nada!... Só a farmácia!...

Ali estava a comodazita coberta de remédios a atestar a exclamação: «Só a farmácia!...» E o prescindir dos 1.480\$00 — fonte da grande perplexidade entre tentar e não tentar a pensão de invalidez!

Que amargurada a vida dos Pobres! Porque preço têm de pagar a aventura de uma promoção! Pois não devia permanecer aquele magro contrapeso até que viesse a pensão de invalidez?! E, se vier, que «fortuna» juntará ela aos 1.480\$00 de agora?

É chocante o contraste destas quantias de miséria, tão encarecidas, tão avaramente concedidas, sobre o pano de fundo dos milhões que diariamente se

lêem nos títulos dos jornais, gastos nisto e mal gastos naquilo, desperdiçados alguns, desviados outros...! Parece que está nestes pequenos dinheiros a fonte de salvação das finanças arruinadas! E no entanto, em quantia inutilidade se desbarata o erário público! Até pequenas coisas..., mas significativas!

Passei há pouco na nossa tipografia. Ia na sexta impressão (e falta uma!) uma obra de cartões de boas-festas encomendados por uma entidade da região. Trabalho caro, que de certo representará muito pouco no mar das grandes verbas em movimento, mas cujo custo daria, um mês, a modesta sustentação de uma família, acima do salário mínimo nacional. Para que tanto falar em austeridade?!

Eu é que nem devia citar este exemplo, na perspectiva de nosso bem particular, pois se trata de trabalho para as nossas oficinas de onde colhemos também o nosso pão! Mas não posso calar a dor perante tanta insensibilidade ao bem-comum.

Vamos correr o risco e estimular este casal à demanda do seu direito. Se a Segurança Social não responder e enquanto não responder, a Justiça Imanente de Deus há-de providenciar outras mãos que se lhes abram.

● O Advento é, por excelência, o tempo da Esperança. Cristo já veio e está no meio de nós. Ele é a nossa Esperança. E como há-de vir de novo ao encontro de cada homem no termo da sua passagem pelo Mundo, toda a nossa vida — tempo de Advento, é tempo de Esperança.

Daf a felicidade radical de quem n'Ele crê; Já O possuímos; e vamos a caminho da posse perfeita à medida de cada um de nós.

A perfeição máxima desta posse, da felicidade participada da infinita felicidade de Deus, cabe a Maria. Por isso, ao celebrar a Sua Imaculada Conceição, a Igreja canta pela palavra de Isaías, aquele intraduzível «gaudens gaudebo...» de que Ela é sujeito com singular direito, direito que Ela ensina e comunica aos filhos que o Filho Lhe entregou. Direito que

Cont. na 4.ª pág.

deu vida à Vida que não mais morrerá.

A ti principalmente, jovem ou senhora que tens o coração disponível e talvez faças o teu presépio de imagens com muito carinho, neste Natal pensa nisto: Existe uma Casa de Nazaré, um pouco maior do que a Casa de Nazaré da Palestina, de há dois mil anos, que espera por ti para a vivência do teu Natal em cada dia do ano. Já sabes qual é? A Obra da Rua. Vem fazer aqui o teu «Presépio vivo». Nós — os Rapazes, os Padres, as Senhoras da Obra — precisamos de ti. Das tuas mãos, dos teus pés, dos teus lábios, do teu coração. Precisamos do teu carinho, da tua ajuda para encaminhar na vida «estes Jesus pequeninos».

O Evangelho de domingo, da semana em que escrevo, traz-nos o apelo de Jesus: pormos a render os talentos que recebemos.

Talvez por isso e para ti, os nossos rapazes terminaram a nossa Eucaristia cantando:

«Se ouvires a voz de Deus, chamando-te.

Se ouvires a voz do Mundo... Não te deixes enganar.

É preciso semear.

É preciso colher.

O mundo passa fome e frio de Deus.

A decisão é tua...»

Não feches o teu coração a Cristo — se Ele te chamar. Foi Jesus que disse: «A messe é grande e os operários são poucos».

Peçamos todos ao Senhor que mande vocações de serviço para a Sua Igreja. Principalmente de ajuda aos mais desprotegidos.

Feliz Natal!

Isaura (de Setúbal)

AQUI, LISBOA!

«A casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho dos passarinhos. Sem ela, sua ou à mão, o homem sofre. O seu sofrimento, por injusto e imerecido, causa a desordem. Se me fosse dado falar, tentaria virar tudo e todos para este lado. Começar obras pelos alicerces.» (Pai Américo)

Acaba o Senhor Cardeal Patriarca de publicar uma «Carta Pastoral sobre algumas questões da habitação e do urbanismo no Patriarcado de Lisboa», documento notável a todos os títulos, generalizável a todo o País e merecedor de uma análise séria e datalhada. Com o facto nos congratulamos.

Foi sempre preocupação da Obra da Rua o problema habitacional; e se alguém, no nosso País, sobre ela se debruçou concretamente, foi, sem dúvida, Pai Américo. Ora denunciando a «dolorosa realidade» dos sem-casa ou mal alojados, ora mobilizando ou polarizando boas vontades para acções práticas ou, ainda, tomando a iniciativa da construção de casas para os indigentes ou de ajuda aos Autoconstrutores, à maneira do

«Ovo de Colombo», Pai Américo, primeiro do que ninguém, sem a pretensão de resolver a imensidade de carências existentes, deu-nos o testemunho duma vida totalmente consagrada ao serviço do Próximo — que compromete os seus continuadores e responsabiliza todos os homens.

«O Evangelho é uma doutrina tão subida que um homem sem esperanças dela é incapaz de a escutar, muito menos praticar. Sobretudo, quando esse homem, quase desesperado, passa rente à porta de felizes, segundo o mundo, e bem instalados. Os homens a quem nesta vida nada falta, podem, sim, fazer discursos; mas a massa enorme dos que não têm

não acreditam. Só pela humildade. Só pela inquietação de possuir. Só por um desejo sincero e eficaz de remediar. Só, finalmente, por uma identificação com os que não podem. Doutra maneira, por outros processos, não convencemos nem vencemos. A falta de abrigos para o homem é um problema eminentemente cristão.» (Pai Américo)

Sendo assim, não poderíamos deixar de nos alegrar com a posição pública tomada pelo primeiro Responsável da Diocese onde se situa esta Casa do Gaiato. É que, de facto, «a falta de abrigos para o homem é um problema eminentemente cristão», e como tal, o Pastor não pode deixar de se identificar

com os que sofrem, pois, agrade ou não aos instalados, devendo a Igreja ser «serva e pobre», há que chamar as coisas pelos seus nomes e assumir as responsabilidades inerentes. É claramente desejável, e salutar, que os Senhores Bispos se apresentem na primeira linha de combate, solícitos e empenhados, denunciando as injustiças ou as distorsões existentes; animando os tímidos e estreitando os sonolentos; criando espaços de esperança para os desesperados; em suma, representantes directos d'Aquele que Se fez Servo de todos, se disponham a servir, descendo às realidades do dia-a-dia das suas ovelhas, que tanto condicionam a receptividade da Mensagem e, portanto, a sua peregrinação a caminho da Pátria definitiva.

Oportunamente, para conhecimento geral, aqui faremos uma súmula do documento

acima citado, e se «todos somos chamados a construir, solidariamente, um mundo melhor», podemos anunciar, desde já, que, na linha de «uma presença dinâmica da Igreja», acabamos de adquirir, nas proximidades, cerca de 10.500 m² de terreno para a construção de casas para os nossos Rapazes, certos de que a nossa acção não pode cingir-se ao período da sua permanência intra-muros, mas tem de ir muito além. Para tal contamos que a burocracia não nos espantará e com a boa vontade dos homens bem intencionados e de coração recto, nomeadamente, claro, dos nossos Amigos de sempre.

Com esta notícia feliz queremos desejar a todos um Natal cheio de paz e de amor e que Aquele que não teve casa para nascer ou onde reclinar a cabeça conforte e ampare a todos, sobretudo os que mais sofrem.

Padre Luiz

Notas do tempo

Cont. da 3.ª pág.

se torna dever. Direito que se torna caminho.

Só se regozijará na Eternidade (gaudebo) aquele que que aprender a regozijar-se no Tempo (gaudens). O que aprender... e se exercitar na arte divina do regozijo — «regozijo no Senhor, exultação da alma em Deus, porque Ele me revestiu com vestes de Salvação e me cobriu com um manto de Justiça, como esposa ornada das suas jóias». Regozijo nascido do: «Vinde e escutai, vós todos que temeis a Deus — e eu vos narrarei as muitas graças que Ele fez à minha alma».

A Liturgia diz assim de Maria com toda a propriedade. De nós há-de dizer-se por apropriação.

A alegria do que crê e espera é o grande testemunho do discípulo de Jesus, do filho de Maria. Alegria, aqui e agora — qual rebento que desabrochará, depois, na alegria perfeita à medida de cada um.

Esta é a grande contestação do mundo pelo discípulo de Cristo com Maria, a primeira entre todos os discípulos: Onde o orgulho e os desvarios dos homens semeiam o desencanto até ao desespero, ele semeia a Esperança e vive na alegria dela, na estabilidade que ela fundamenta. Porque a nossa Esperança está em Cristo, é Cristo — Aquele que já veio... e há-de vir... e está no meio de nós.

Padre Carlos

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A expansão d'O GAIATO continua, graças a Deus. Agora, mais acentuada com a acção directa dos nossos Padres — dos Padres da Rua — que à hora das homilias, nas celebrações dominicais em várias paróquias, motivam os cristãos para a leitura e assinatura do nosso jornal.

São horas deliciosas! Aliás, o Padre Moura não resiste a comentar — noutra local — um curioso episódio que aconteceu em Aldoar (Porto), donde trouxe 107 novos assinantes; depois, foram mais 251 em Canidelo (Vila Nova de Gaia).

O nosso Padre Telmo foi a Tondela. Já contávamos, por lá, muitos assinantes. Presentemente, são mais umas dezenas deles! O Pároco, a Comunidade excederam-se em Amizade! Na Póvoa de Várzim registou 225. O Padre Telmo quer pegar O GAIATO em todas as freguesias poveiras.

No Sul, o Padre Carlos lançou Fogo às almas do Barreiro, Moita e Montijo, recolhendo perto de 400 assinantes!

Cresce, também, a procissão de Amigos, do Minho ao Algarve, que decidem preparar outros — na sua roda — para se inscreverem na Família d'O GAIATO. Um trabalho valiosíssimo, pois interessam-nos leitores, não pseudo-leitores, que o «Famoso» é um veículo de diálogo, de partilha — e o papel de jornal está a peso d'ouro.

A assinante 24771, de Lisboa, entregou ao nosso Padre Luiz uma lista de 41 novos assinantes — de Mem Martins, Oeiras, Santo António dos Cavaleiros, Linda-a-Velha, Estoril, Amadora, Sacavém, Belmonte, a maior parte da Capital — e um cheque «correspondente ao valor das assinaturas pagas».

De Ermesinde, a assinante 11640 remete 14 novos leitores de Filhagosa (Vila Pouca de Aguiar) e outro de Vila Real, que, diz, são «pessoas da minha terra que eu contactei para ficarem assinantes».

A nossa Amiga de Pardelhas

(Murtosa) não descansa! Leva O GAIATO a todo o lado e manda listas de novos assinantes com a ajuda dum bancário. Mais vinte da Torreira, Pardelhas, Monte, Brunheiro, Estarreja, Bragança, Newark e Naugatuck (América do Norte).

Um lisboeta preparou dez nove — da Capital, Amadora, Oeiras e Odivelas. E a assinante 28979, da Pontinha (Lisboa), mais treze com o mesmo cuidado e devoção.

Eis duas citações entre o numeroso grupo que comunica o resultado das suas acções: «Só agora envio o pedido de mais um «Famoso», desta vez para Rio de Mouro». Outra: «Sinto-me feliz por inscrever uma nova assinatura, e ao mesmo tempo triste por em vez de uma não inscrever mais, pois o bem que nos faz a leitura d'O GAIATO — acentua a assinante 22913 da Covilhã — deveria ser extensivo a todo o Mundo».

Em grande parte, a expansão do «Famoso» está na mão dos leitores.

Muitos pedem a remessa do jornal directamente, como este

Atenção

Quando nos escrever ou remeter importâncias para a assinatura d'O GAIATO ou da Editorial, o estimado Leitor não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localzarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Para mudança de domicílio precisamos que nos indique, claramente, a antiga e a nova morada. Obrigado.

Amigo de Oliveira do Hospital: «Li ontem O GAIATO, pela primeira vez, na sala de espera dum consultório médico. Gostei de o ler e assim dei conta que há imensa gente que sofre sem ter quase esperança».

Quero ser assinante do jornal, para o que remeto um cheque. O que sobrar pode ser aplicado onde for mais necessário.»

Registamos, por fim, outros locais de partida da procissão, que aumentou, como bola de neve, ao longo da caminhada: Porto e Lisboa uma data deles; mais Azambuja, Matosinhos, Senhora da Hora, Baixa da Banheira, Coima, Palhais, Faralhão, Setúbal, Capela (Penafiel), Leiria, S. Mamede de Infesta, Riba

d'Ave, Caparica, Torres Vedras, Ermesinde, Minde, Nisa, Taveiro (Coimbra), Febres, Ceira (Coimbra), Elvas, Pardilhó, Amadora, Braga, Cáraveiros, Tomar, Coimbra, Meirinhas de Cima (Ranha), Guia Oeste (Pombal), Gondomar, Pedrógão (Torres Novas), Lanhelas (Caminha), Loures, Ruffhe (Braga), Póvoa de Baixo (Águeda), Beja, Vilar de Andorinho, Santo Tirso, Águas Santas (Maia), Faro, Perafita, Queluz, Valadares, Flamengo (Loures), Fundão, Figueira da Foz, Casais do Campo, Gouveias (Sabrosa), Vila Nova de Gaia, Samouco, Póvoa de Santa Iria, Macau, Benguela (Angola) e Vanderbijl Park (África do Sul).

Júlio Mendes

Correspondência de Família

«Caríssimo...

Antes de algo mais, o sincero desejo de que haja paz e alegria no seio dessa família — que também é minha.

Sou um antigo e sempre Gaiato da Casa de Setúbal, da qual fui cronista deste nosso jornal e durante vários anos andei a distribuí-lo pelos nossos Amigos. Hoje compro-o e leio-o de ponta a ponta. Sou gráfico-impressor dentro da minha profissão de agente da Polícia de Segurança Pública e depois de ler o «Famoso» deixo-o à disposição dos meus colegas que, não raras vezes, me pedem e o levam para casa! Prova-se que O GAIATO tem aceitação e admiradores (muitos) dentro desta corporação que sirvo.

Sou o assinante n.º 30.568 e, sem que tenha alguma desculpa aceitável, aqui envio 1.000\$00 com a finalidade de pôr em dia a minha assinatura, pois creio que deve(!) estar bem atrasada.

Quero também informar que actualmente estou a receber dois exemplares por quinzena: um em Palmela e outro em Lisboa — o que está mal. Para além de não estar em dia ainda sou beneficiado com dois jornais!

Peço que deixem de enviar um exemplar para Lisboa, pois fica-me mais acessível recebê-lo em Palmela.

Sem algo mais, as maiores saudações do sempre vosso

João Maria»



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel